

Edgar Allan Poe e a Modernidade

Michel Goulart da Silva*

Resumo: Este artigo discute a obra do escritor estadunidense Edgar Allan Poe como expressão do período conhecido como Modernidade, analisando a forma como problematizou o homem produzido sob as relações de produção capitalista. Longe do heroísmo de alguns escritores e do realismo de outros, Edgar Allan Poe fez uma literatura que não era nem “nacional” nem “popular”. Sem estar comprometido com o espírito dos “heróis” pioneiros que construíam os Estados Unidos, Edgar Poe foi quem melhor entendeu o que se passava em seu país, ao procurar na alma do homem as mais profundas representações de sua época.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; Literatura estadunidense; Modernidade.

Abstract: This article discusses the work of American writer Edgar Allan Poe as an expression of the period known as modernity, examining how the man problematized produced under capitalist relations of production. Far from the heroism of some writers and realism of others, Edgar Allan Poe did a literature that was neither "national" or "popular." Without being committed to the spirit of the "heroes" pioneers who built the United States, Edgar Allan Poe was the one who best understood what was happening in his country, to seek the soul of man the most profound representation of his time.

Key words: Edgar Allan Poe; American literature; Modernity.



* MICHEL GOULART DA SILVA é Mestrando em História na UDESC e Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

Reconhecido como um dos maiores nomes da literatura dos Estados Unidos, Edgar Allan Poe teve uma vida repleta de percalços, gozando de poucos momentos de sucesso em sua breve carreira de escritor. A dureza com que tratava os escritores contemporâneos foi um dos motivos pelos quais não alcançou em vida a consagração. Segundo Charles Baudelaire (2000, p. 35), Edgar Poe, “profundamente penetrado por suas convicções, fez guerra infatigável aos falsos raciocínios, às imitações bobas, aos barbarismos e a todos os delitos literários, que se cometem diariamente nos jornais e nos livros”. Certa vez, referindo-se ao contexto estadunidense, Edgar Poe (2000, p. 452) chegou a afirmar que “nossa literatura está infestada por um enxame de sujeitinhos que acabam por conquistar uma reputação real, quando mais seja, pela continuidade e persistência de seus apelos ao público”.

Edgar Poe esteve longe do heroísmo de alguns e do realismo de outros, fazendo uma literatura que não era nem “nacional” nem “popular”. Seus contemporâneos o consideravam difícil, pois Edgar Poe fez da alma humana sua “nação”. Sem se comprometer politicamente com o espírito dos “heróis” pioneiros que construíam o país sob a égide do livre comércio capitalista, Edgar Poe foi quem melhor entendeu o que se passava em seu país, ao procurar na alma do homem as mais profundas representações de sua época.

Muitos comentários foram tecidos acerca da obra de Edgar Poe. Segundo Lúcia Santaella (1985, p. 144), “talvez poucas obras tenham sido objeto de



tantas controvérsias e tenham provocado tantos embaraços críticos”, tendo, “num extremo, pesados detratores e, no outro, apaixonados defensores”. H. P. Lovecraft (2008, p. 62), um dos mais

destacados escritores estadunidenses de terror do século XX, é categórico ao afirmar que devemos a Poe “a moderna história de horror em seu estado final e aprimorado”. O romancista russo Dostoiévski (2002, p. 8), por sua vez, embora considerasse Edgar Poe inferior ao alemão E. T. A. Hoffmann, afirmou que havia no poeta estadunidense “um traço que o diferencia de forma decisiva de todos os outros escritores e constitui a sua peculiaridade marcante: a força da imaginação; mas há uma peculiaridade na sua imaginação que não encontramos em ninguém mais: a força dos detalhes”.

Por outro lado, também houve quem enxergasse Edgar Poe como um poeta medíocre. O romancista inglês Aldous Huxley, por exemplo, afirmou que “a substância de Poe é refinada; é sua forma que é vulgar. Ele é, como costumava acontecer, um Cavalheiro da Natureza, infelizmente amaldiçoado com incorrigível mau gosto” (GOMES, 1997, p. 12). O também romancista Henry James dizia que “um entusiasmo por Poe era marca de um estágio decididamente primitivo de reflexão” (SANTAELLA, 1985, p. 146). T. S. Elliot, por sua vez, referindo-se a Baudelaire, Mallarmé e Valéry, “chegou a insinuar que a emanação de Poe sobre esses poetas era provavelmente devido ao fato de que aos três faltava um conhecimento mais profundo da língua inglesa” (SANTAELLA, 1985, p. 147).

Edgar Allan Poe, filho de atores mambembes, nasceu em 19 de janeiro de 1809, em Boston. Órfão e separado da irmã mais nova antes de completar três anos, foi entregue à tutela do casal Allan, encontrando conforto e carinho em Francis, sua mãe adotiva. Porém, em seu pai adotivo, o rico comerciante de origem escocesa John Allan, Edgar Poe encontrou dura disciplina e castigos físicos. Em 1826, durante a passagem de Edgar Poe pela Universidade da Virgínia, foram vivenciados vários conflitos entre pai e filho. Em meio aos livros e à criação literária, o poeta se dedicou também ao álcool e ao jogo, o que lhe valeu dívidas de milhares de dólares. Em 1929, de volta a Boston e afastado da família Allan, Edgar Poe se alistou no Exército, de onde saiu dois anos depois (SCHMIDT, 1998).

Era de uma inteligência brilhante. Desde os primeiros anos de estudo, na Escócia e na Inglaterra, Edgar Poe demonstrou grande familiaridade com os livros, não tardando a cultivar o gosto pela poesia. Edgar Poe não queria seguir as carreiras de advogado ou de militar; ele queria ser escritor. Mas, apesar desse interesse, tinha também muita facilidade com cálculos matemáticos e especulações científicas.

O grande amor de sua vida foi Virgínia, filha de Maria Clemm, a tia do poeta que o acolheu em Balmore após sua saída do Exército. Virgínia era uma menina frágil, delicada e doente, a perfeita musa para aquele poeta. Edgar Poe, com 27 anos de idade, e Virgínia Clemm, com apenas 13, casaram-se secretamente em 1836, com o apoio dado por Maria Clemm. Contudo, a vida

de dificuldades econômicas e a saúde frágil de Virgínia foram fatores determinantes para fazer com que a jovem esposa morresse em 1847, com pouco mais de vinte anos.

Os amores trágicos foram elementos que moldaram o espírito de Edgar Poe. Boa parte desses amores foram representações românticas de juventude; alguns, no entanto, foram vividos de forma profunda e intensa. Desses amores nasceram personagens como Helen, Annabel, Annie, Ligéia e Lenora. Embora com nomes diferentes, essas personagens na maioria das vezes eram a mesma mulher: inacessível, frágil, cândida, perfeita, posta em uma espécie de pedestal, e muitas vezes inspirada em Virgínia.



Segundo Baudelaire (2000, p. 36), percebe-se na obra de Edgar Poe que “seus retratos de mulheres são, por assim dizer, aureolados; brilham em meio de um vapor sobrenatural e são pintados à maneira enfática de um adorador”. Pode-se destacar também que,

quando as mulheres criadas por Edgar Poe não apresentavam saúde frágil ou não estavam à beira da morte, é porque estavam mortas, como em “Annabel Lee”. Este poema foi escrito em 1847, possivelmente nos momentos terminais da doença de Virgínia, sob as lágrimas do sofrimento antecipado, o sofrimento de alguém que amou sua companheira da forma mais intensa, insana e sincera possível. Nesse poema, em certo momento, diz-se:

Pois, quando surge a lua, há um sonho que flutua,
de *Annabel Lee*, no luar;

e, quando se ergue a estrela, seu
fulgor revela
de *Annabel Lee* o olhar;
assim, a noite inteira, eu passo junto
a ela,
a minha vida, aquela que amo, a
companheira,
na tumba à beira-mar,
junto ao clamor do mar.
(POE, 2000, p. 397)

Neste e em outros poemas de Edgar Poe, a “divina paixão”, segundo Baudelaire (2000, p. 36), “aparece magnífica, constelada, e sempre velada por uma irremediável melancolia”, enquanto em seus contos “jamais se encontra amor. Pelo menos, ‘Ligéia’ e ‘Eleonora’, não são propriamente falando, histórias de amor, sendo outra a idéia principal sobre a qual gira a obra”. Segundo Charles Baudelaire (2000, p. 35), a poesia de Edgar Poe é “profunda e gemente, é, não obstante, trabalhada, pura, correta e brilhante, como uma jóia de cristal”. Por sua vez, os contos, em sua maior parte, são expressão de seus sofrimentos. Julio Cortázar (2008, p. 131) afirma que “os personagens de Poe levam ao limite a tendência noturna, melancólica, rebelde e marginal dos grandes heróis inventados pelo romantismo alemão, francês e inglês”, mas “com a diferença de que estes agem por razões morais ou passionais que carecem de todo interesse para Poe”.

Por outro lado, enquanto os poetas da época cantavam a nação nascente estadunidense, construindo narrativas dos grandes heróis, Edgar Poe ocupou-se de entender o homem que essa sociedade estava formando. Nesse caso, embora encarado quase sempre como autor de obras com temas fantásticos, Edgar Poe foi, entre seus contemporâneos, um dos escritores que melhor explorou elementos de sua realidade, desnudando a alma do

homem sob um nascente capitalismo. Essa aproximação de Edgar Poe com a vida concreta e não com o fantástico é apontada por Baudelaire (2000, p. 35-6, grifos do autor), quando afirma que

nenhum homem jamais contou com maior magia as exceções da vida humana e da natureza (...) a histeria usurpando o lugar da vontade, a contradição estabelecida entre os nervos e o espírito, e o homem descontrolado, a ponto de exprimir a dor por meio do riso. Analisa o que há de mais fugitivo, sopesa o imponderável e descreve, com essa maneira minuciosa e científica, cujos efeitos são terríveis, todo esse imaginário que flutua em torno do homem nervoso e o impele para a ruína.

Dostoiévski (2002, p. 7-8) também explora a aproximação de Edgar Poe com o realismo. O romancista russo, que tão bem utilizou o onírico e o delírio em suas obras realistas, percebeu que não se pode classificar a obra de Edgar Poe como “fantástica”, pois, “mesmo quando parece fantástica, ela o é apenas de forma exterior”. Segundo ele, “Edgar Poe apenas admite a possibilidade externa de um acontecimento sobrenatural (...) e, tendo admitido esse acontecimento, mantém-se perfeitamente fiel à realidade em todo o restante”. O romancista russo conclui afirmando que, “se existe algo de fantástico em Poe, ele é, por assim dizer, material, se é que se pode falar assim” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 10).

Edgar Poe era dono de um domínio técnico brilhante. Segundo Baudelaire (2000, p. 35), “seu estilo é puro, adequado às ideias, dando delas a expressão exata. Poe é sempre correto”. Para Edgar Poe, o acaso no processo de criação deveria ser descartado, o que o levou a afirmar, em ensaio onde analisa seu poema mais famoso, “O corvo”, que

era seu “desígnio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático” (POE, 2000, p. 408). Edgar Poe “opera sua máquina textual com perfeito domínio do aspecto técnico, pelo qual tudo é submetido a um cálculo preciso. Até mesmo o horror. Rigor e precisão pontuam a sua escrita fantástica” (MARQUES, 1999, p. 78). Contudo, é importante relativizar esse caráter cerebral que Edgar Poe procura atribuir a sua própria obra, na medida em que muitos de seus textos são criados a partir de suas próprias emoções e sofrimentos, explorando-os numa estética aparentemente racional. Julio Cortázar (2008, p. 126) afirma que “os temas poeanos nascem das tendências peculiares de sua natureza”, onde “a imaginação e a fantasia criadoras trabalham sobre a matéria primordial, um produto inconsciente”.

Edgar Poe apropriou-se de contribuições da tradição literária ocidental e do melhor de sua própria época, fazendo de sua obra um épico sobre a degradação do homem, o desespero, a alienação, a completa falta de perspectivas. O escritor “coloca e move personagens completamente desumanizados, seres que obedecem a leis que não são as leis usuais do homem, mas seus mecanismos menos frequentes, mais especiais, mais excepcionais” (CORTÁZAR, 2008, p. 130). Em sua obra, o homem solitário na multidão é o emblema do homem na sociedade industrial, preso a uma lógica que arranca dele sua própria humanidade. Na esteira de Walter Benjamin, pode-se entender que “a solidão experimentada em meio à multidão, o perigo espreitado a cada amanhecer, a vida urbana caracterizada

pela colisão de sensações fragmentárias e descontínuas, a mecanização da existência” são instauradores de “outro tipo de sensibilidade ou estado de prontidão diante da ameaça que afronta o homem contemporâneo”, tendo Edgar Poe pressentido “essa outra espécie sensível de humanidade que reverberou em Baudelaire” (SANTAELLA, 1985, p. 149).

Quando cai Usher e sua casa, vê-se ruir também o homem produzido pela sociedade capitalista que, fraco e doente, tenta enterrar seus cadáveres, mas teme o retorno deles. Nas palavras de Lovecraft (2008, p. 68), o conto “A queda da casa de Usher” trata do fim de “uma longa história de uma família isolada – um irmão, sua irmã gêmea e a casa incrivelmente antiga partilhando todos uma mesma alma e encontrando uma dissolução comum no mesmo momento”. O atormentado Roderick Usher diz:

Morrerei – disse ele – *devo* morrer nesta loucura deplorável. Estarei perdido assim, assim e não de outra maneira. Temo os acontecimentos de futuro, não por si mesmos, mas por seus resultados. Estremeço ao pensar em algum incidente, mesmo o mais trivial, que possa influir sobre essa intolerável agitação da alma. Na verdade, não tenho horror ao perigo, exceto no seu efeito positivo: o terror. Nessa situação enervante e lastimável, sinto que chegará, mais cedo ou mais tarde, o período em que deverei abandonar, ao mesmo tempo, a vida e a razão, em alguma luta com esse fantasma lúgubre, o *medo* (POE, 2000, p. 139, grifos do autor).

Seu apurado ouvido simboliza possivelmente as avançadas técnicas da sociedade industrial que emergia, servindo apenas para enlouquecê-lo. O cadáver que ressuscita é a encarnação

de sua própria alma, esqualida e fraca, que Usher teme ouvir e mesmo vislumbrar. Também diz o desesperado Roderick Usher:

Não o ouço?... sim, ouço-o, e *tenho-o* ouvido. Longamente... longamente... muitos minutos, muitas horas, muitos dias, *tenho-o* ouvido... contudo não ousava... oh! Coitado de mim, miserável, desgraçado que sou!... Não ousava... não *ousava falar!* *Nós a pusemos viva na sepultura!* (POE, 2000, p. 146, grifos do autor).

O som voltaria a aparecer associado ao medo em outros textos. Um som que se repete e atormenta. Em um de seus mais belos poemas, Edgar Poe faz soar os sinos, de tão lúgubre mensagem.

Escuta: nos trenós tilintam sinos argentinos!
Ah! que mundo de alegria o som cantante prenuncia!
Como tinem, lindo, lindo no ar da noite fria e bela!
Vão tinindo e o céu inteiro se constela,
florescendo, refulgindo com deleites cristalinos!
Dão ao Tempo uma cadência tão constante
como um rúnico descante,
com os tintinabulares, pequeninos sons, bem finos,
que nascendo vão dos sinos, sim, dos sinos, sim, dos sinos, saltitantes, bimbalhantes, dentre os sinos
(POE, 2000, p. 399).

“Os sinos”, escrito nos últimos anos de vida do poeta, narra um momento, apenas um momento, em que tudo para. Parece então que uma vida inteira, os choros, os medos, os gemidos, um

clamor insano e profundo passam, sob o olhar. E angustiados, paralisados, nesse segundo olha-se a estrada deixada para trás.

Leva o Tempo num compasso tão constante
como em rúnico descante,
pela pulsação dos sinos,
a plangente voz dos sinos,
pelo soluçar dos sinos!
Leva o Tempo num compasso tão constante,
que a dobrar se sente, ovante,
bem feliz com esse rúnico descante,
com o reboar que vem dos sinos,
a gemente voz dos sinos,
o clamor que sai dos sinos
a alucinação dos sinos,
o angustioso,
lamentoso, lutulento som dos sinos!
(POE, 2000, p. 401).

Em outro poema, o corvo que vem ao mundo dos vivos é o elo entre duas almas separadas pela morte, ganhando a mente e o coração do ser humano. Carrega uma profunda e simples filosofia, uma única expressão, um “nunca mais” que ressoa repetidamente, e que faz lembrar uma tragédia que um ser desesperado tenta deixar para trás.

Ah! claramente eu relembro! Era no gélido dezembro
e o fogo, agônico, animava o chão de sombras fantasmais.
Ansiando ver a noite finda, em vão, a ler, buscava ainda
algum remédio à amarga, infinda, atroz saudade de Lenora
— essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora
e o nome aqui já não tem mais
(POE, 2000, p. 397).

O poema “O corvo” parece carregar seu leitor a assistir a degradação do homem, cuja única esperança está na possibilidade de encontrar algo que o permita se ligar ao passado e, talvez, caminhar no sentido de uma morte calma. O homem é consumido pela alienação, que devora toda sua humanidade, aparecendo apenas a morte como esperança.

Por isso, pode-se considerar Edgar Poe um dos mais atuais escritores que viveram no século XIX. Ele, ao perscrutar o fundo de sua própria alma, ao trazer à tona seus conflitos e sofrimentos, deu vazão à condição humana sob o sistema de classes dominado pela burguesia. Suas angústias, seu desespero, sua vida degradada e marcada pela alienação não carregam diferenças substanciais quando comparadas com aquela do homem contemporâneo. O sistema de produção capitalista, por meio de suas formas de trabalho alienado, faz

do ser genérico do homem, tanto da natureza quanto da faculdade genérica espiritual dele, um ser estranho a ele, um meio da sua existência individual. Estranha do homem o seu próprio corpo, assim como a natureza fora dele, tal como a sua essência espiritual, a sua essência humana (MARX, 2008, p. 85, grifos do autor).

Segundo H. P. Lovecraft, a maior parte dos escritores fantásticos anteriores a Edgar Poe havia trabalhado largamente no escuro, sem compreender a base

psicológica sobre a qual se sustenta a atração do horror, bem como tolhidos pelo conformismo a certas convenções literárias fúteis, como o final feliz, a virtude premiada e a aceitação de padrões e valores populares. Edgar Poe “percebeu a impessoalidade essencial do verdadeiro artífice, e sabia que a função da ficção criativa é apenas expressar e interpretar acontecimentos e sensações como eles são, indiferentemente de para o que eles tendem ou o que provam” (LOVECRAFT, 2008, p. 62). Para H. P. Lovecraft, Edgar Poe viu claramente



que todas as faces da vida e do pensamento são igualmente apropriadas como tema para o artista, decidindo por ser o intérprete dos sentimentos poderosos e dos acontecimentos ligados não ao prazer, mas à dor, não ao progresso, mas à decadência, não a tranquilidade, mas ao terror.

Ler Edgar Poe hoje não é uma eventual opção, mas uma obrigação, pois ele foi um dos primeiros e maiores nomes da literatura psicológica, pois foi precursor do conto policial, pois deu algumas das bases da semiótica, pois escreveu versos com a precisão de um engenheiro, e porque muito do homem contemporâneo faz parte da alma daquele homem que Edgar Poe explorou em seus textos. Segundo Julio Cortázar,

há em nós uma presença obscura de Poe, uma latência de Poe. Todos nós, em algum lugar de nossa pessoa, somos ele, e ele foi um dos

grandes porta-vozes do homem, aquele que anuncia o seu tempo noite adentro. Por isso sua obra, atingindo dimensões extratemporais, as dimensões da natureza do homem sem disfarces, é tão profundamente temporal a ponto de viver num contínuo presente, tanto nas vitrinas das livrarias como nas imagens dos pesadelos, na maldade humana e também na busca de certos ideais e de certos sonhos (CORTÁZAR, 2008, p. 104).

Certa vez um poeta brasileiro afirmou que “toda revolução digna deste nome produz seu grande poeta” (LEMINSKI, 1983, p. 8). Edgar Poe não foi poeta de uma revolução, mas de uma época inteira, da Modernidade, que ainda não teve fim. Esses motivos levam, depois de passado tanto tempo desde aquele 7 de outubro de 1849, quando o escritor morreu, a nos vermos obrigados a lembrar de Edgar Allan Poe.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. Edgar Allan Poe. In: POE, Edgar Allan. **Poesia e prosa**: obras escolhidas. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2000.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DOSTOIEVSKI, F. M. Prefácio a Poe. In: POE, Edgar Allan. **A narrativa de A. Gordon Pym**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- GOMES, Álvaro Cardoso. **A santidade do alquimista**: ensaios sobre Poe e Baudelaire. São Paulo: Unimarco, 1997.
- LEMINSKI, Paulo. Folhas da relva forever (a revolução permanente). In: WHITMAN, Walt. **Folhas de folhas da relva**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- MARQUES, Reinaldo. A escrita fantástica de “O Gato Preto”: a máquina do terror. **Fragmentos**, Florianópolis, nº 17, p. 77-93, jul. 1999.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- POE, Edgar Allan. **Poesia e prosa**: obras escolhidas. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2000.
- SANTAELLA, Lúcia. Estudo Crítico: Edgar Allan Poe (O que em mim sonhou está pensando). In: POE, Edgar Allan. **Contos de Edgar Allan Poe**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- SCHMIDT, Ivan. **Edgar Allan Poe**: nunca estive realmente louco. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998.